



FOLHA MISSIONÁRIA

Ano VII

Arquidiocese de Juiz de Fora

Novembro / 2016

Nº 72

Fechamento das Portas Santas marca o fim do Ano Santo na Arquidiocese de Juiz de Fora

Página 4



Celebração foi presidida pelo Arcebispo Metropolitano Dom Gil Antônio Moreira. Foto: Janslúcia Vieira

Juiz de Fora pode sediar próximo Seminário de Bens Culturais do Regional Leste 2 da CNBB

Página 3

Presidente da CNBB e Arcebispo de Brasília, Dom Sérgio da Rocha será criado Cardeal

Página 5

Pastoral Carcerária da Arquidiocese de Juiz de Fora consegue apoio de assessoria jurídica

Página 6

Catequese do Papa



Leia a mensagem do Papa Francisco para o Jubileu dos Encarcerados, celebrado no dia 06 de novembro

Página 5

S.O.S Haiti Furacão

O furacão Matthew deixou rastros de devastação total no Haiti, país mais pobre das Américas, atingindo um milhão de pessoas. Colabore para a reconstrução dessas vidas.

Banco do Brasil Agência: 3475-4 C. Corrente: 33.781-1 CNPJ: 336544190001/16	Cx. Econômica Federal Agência: 1041 / Operação: 003 C. Corrente: 3943-9 CNPJ: 336544190001/16
---	---

cnbb.org.br caritas.org.br

Editorial

Por que rezar pelos mortos?

Pe. Antônio Camilo de Paiva
Mestre em Ciência da Comunicação
Editor Chefe

Para os católicos a morte não é o fim, mas o começo. A pessoa deixa este corpo corruptível e assume um corpo incorruptível, semelhante ao de Jesus Cristo no Tabôr, “para ir morar com o Senhor” (2 Cor 5,8). A este propósito, Santa Terezinha do Menino Jesus dizia que “a pessoa não morre, entra na vida”. De fato, a fé católica nos ensina que o homem não morre, mas “mergulha no coração do mundo para contemplar a Deus face a face”. A ressurreição dos mortos é um fato e não uma fábula. A vida do homem vem de Deus, por isso é imortal.

A certeza da vida eterna fundamenta-se na Encarnação, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. Experimentando a morte, “Cristo ressuscitou dentre os mortos, como primícias dos que morreram! Com efeito, se por um homem veio a morte, por um homem veio a ressurreição dos mortos. Assim como em Adão todos morrem, em Cristo todos reviverão” (1 Cor 15, 20-22). É nesse sentido que a Igreja Católica entende a “ressurreição dos mortos”, “vida eterna”, “vida após a morte”.

O catolicismo é a religião dos vivos. A vida é edificada pela dinâmica da fé que é banhada pela oração neste mundo (nós),

quer estejam no céu (os santos, os anjos e as almas dos justos, nossos parentes). Portanto, a união daqueles que estão a caminho (nós) com os irmãos falecidos, de maneira alguma se interrompe, antes vê-se fortalecida pela comunhão dos bens espirituais (oração, missas). Assim, o livro de II Macabeus apresenta a razão fundamental da oração pelos mortos: “Ele agiu com grande retidão e nobreza, pensando na ressurreição. Se não tivessem esperança na ressurreição dos que tinham morrido na batalha, seria coisa inútil e tola rezar pelos mortos. Mas considerando que existe uma bela recompensa guardada para aqueles que são fiéis até a morte, então é um pensamento santo e piedoso” (2 Mc, 12, 43-45).

Sem negar as lágrimas e a saudade, devemos crer que o núcleo essencial da morte é a vida eterna oferecida por Jesus Cristo. Afinal, “a vida dos justos está nas mãos de Deus, e nenhum tormento os atingirá. [...] Aos olhos dos homens parecem ter sido castigados, mas sua esperança é cheia de imortalidade; tendo sofrido leves correções, serão cumulados de grandes bens, porque Deus os pôs à prova e os achou dignos de si.” (Sb 3, 1-9).

Acesse nosso site:
arquidiocesejuizdefora.org.br
e siga nossa página:
facebook.com/Arquidiocesejf

Expediente

Diretor Fundador: Dom Gil Antônio Moreira
Editor Chefe: Pe. Antônio Camilo de Paiva
Jornalista Responsável: Leandro Novaes - MTB 14.078
Contato: folha.missionaria@gmail.com
Revisor: Pe. Antônio Pereira Gaio
Impressão: Fundação Mariana Resende Costa - FUMARC
Tiragem: 12.000 exemplares
Redação: Edifício Christus Lumen Gentium – Juiz de Fora – MG
Telefone: (32) 3229 – 5450

Maria, Mãe da Misericórdia nos Santos Padres

Parte 1

Pe. Cássio Barbosa de Castro

O aprofundamento do paralelismo Eva-Maria é atribuído a Santo Irineu de Lion, que é o primeiro entre os Padres a atribuir explicitamente às duas mulheres contraditórias um posto específico: Eva como princípio, Maria como recapitulação do sexo feminino, diretamente na conduta moral, no destino próprio e de toda feminilidade, em dependência, obviamente, da antítese do mistério Adão-Cristo; por isso, a ação salvífica de Maria, mediadora e advogada “parakléto”, repara e liberta a desobediência de Eva.

No terceiro século, destaca-se Tertuliano e Orígenes, Padres da Igreja, teólogos com vigorosa literatura.

Tertuliano, em algumas contestações contra os gnósticos, para afastar qualquer sombra de dúvidas a respeito da humanidade real e autêntica de Jesus Cristo, aprofunda sua defesa sobre a concepção da verdadeira Maternidade de Maria: “o Filho de Deus, depois de nascer da Virgem, teve uma mulher por mãe... É carne gerada sem sêmen humano; é espírito gerado do sêmen de Deus”.

Na Escola de Alexandria, o mistério de Maria Virgem e Mãe começa logo a transformar-se no arquétipo do mistério da Igreja, conquistado por Clemente de Alexandria. Antes, porém, que a sua tese testemunhasse a fé da Igreja no mistério da Virgindade Perpétua de

Maria, Orígenes, no primeiro volume de seu comentário à Carta de São Paulo aos Romanos, pronuncia o título mariano “Theotokos”.

Passemos agora aos séculos IV e V. Certamente, é um elogio à beleza espiritual e à santidade de Maria, aquele de Éfrem, o Sírio, que possui um entusiasmo religioso e poético a respeito da Virgindade Santa em sua robusta e profunda raiz, na sabedoria da realidade inefável da qual esta criatura privilegiada tornou-se portadora: “Aquele que cria todas as formas humanas no seio de todas as mães, criou para si uma forma humana no ventre de sua Mãe”.

A mesma admiração encontra-se em Epifânio de Salamina que, sem dúvida, é tido como precursor desses discursos, em grande número no século V, não cansava de elevar louvores admiráveis à Virgem Mãe. Para ele, Maria é o Santo Vaso, no qual é contido o Senhor. Quem honra o Senhor, também honrará o Santo Vaso; quem, ao invés, desonrar o Vaso Santo, desonrará o seu Senhor. Maria é a Santa Virgem, ou seja, aquele sagrado vaso. Era conveniente que aquele que é íntegro e mestre da virgindade viesse de um tálamo virginal.

Para Basílio de Cesaréia, Maria é a Carne portadora de Deus e a Oficina desta Economia. Para Gregório de Nissa, Maria é a Incorrupta, a Toda Pura. Para Gregório Nazianzeno, Maria

é a Mulher Virgem, o Templo de Cristo.

Na Síria do Século IV, São João Crisóstomo louva a Virgindade Mariana. No Ocidente, Hilário de Poitiers diz que o Filho de Deus e o Filho de Maria são a mesma Pessoa, porém, o Pai da Mariologia Ocidental é Santo Ambrósio. Escritores dizem que o seu extraordinário interesse pela Mãe do Senhor tinha nascido da admiração que nutria pela vida virginal consagrada a Deus. Segundo Santo Ambrósio, Maria era uma Virgem não somente no Corpo, mas também no Espírito, cheia de sinceridade na alma, humilde de coração, grave no discorrer, sensata e prudente, de poucas palavras, amante da leitura.

Para o grande Santo Agostinho, Maria é a Dignidade da Terra, a Flor da Terra, o Esplendor da Terra, o Vento da Terra, o Perfume da Terra, porque é a Mãe de Deus, porque é a Mãe Virgem, porque é imune de qualquer pecado, preservada pelo Pai da Misericórdia, porque é a Nova Eva. Dizia que Maria deu à luz o Senhor do céu e da terra e também dizia que “O Criador de Maria nasceu de Maria”. É a virgem antes, durante e depois do parto.

Embasados nestes Pais da nossa fé, podemos afirmar com São João Paulo II: “Ninguém na terra experimentou de modo tão radical e espantoso a Misericórdia como Maria Santíssima”.



A RÁDIO QUE TOCA

O SEU CORAÇÃO

Evangelização, momentos de oração,
jornalismo, entretenimento e boa música.

Participe: 3232-9225

facebook.com/radio.catedraljuizdefora

twitter.com/radiocatedraljf

#sejaumamigocolaborador

Anuncie sua empresa na Rádio Catedral!

Anuncie seu produto ou marca

A Catedral FM apresenta um conteúdo educativo e cultural, voltado para a formação cidadã e cristã.

Atingimos um público que gosta de uma programação diferenciada, formadores de opinião que buscam conteúdos informativo, católico e atual.

Palavra do Pastor

Bens Culturais da Igreja: Meios nobres de evangelização

Dom Gil Antônio Moreira
Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora



Com pessoas vindas de várias partes do Brasil, reuniu-se em Vitória – ES, de 24 a 27 de outubro, o IV Seminário de Bens Culturais da Igreja no Regional Leste 2 da CNBB (Estados de Minas Gerais e Espírito Santo). Tal evento teve como propósito estudar e melhor conhecer a função dos bens culturais da Igreja, com suas características próprias que superam o conceito apenas museológico ou folclórico. No caso dos bens religiosos, há de se considerar que eles têm uma função espiritual, levando-se em conta a sua relação com as coisas sobrenaturais, segundo a fé professada. Verifique-se, no caso de patrimônio sacro, que antes das sagradas produções artísticas, precede um ato vivencial de valor

intangível que impulsiona inexoravelmente a pessoa religiosa à busca do belo e do bom. De fato, é inevitável não separar a crença em Deus e a arte, pois Deus é eternamente belo, o infinitamente bom, é o rosto artístico da misericórdia.

Havendo enorme produção artística e cultural que vem acontecendo há mais de 2000 anos a partir da vida e da pregação de Jesus Cristo, temos à mão um volume enorme de material precioso que necessita de preservação. Ao mesmo tempo, tendo diante de nós uma comunidade atual que continua a produzir arte e prossegue se organizando com arquivos e bibliotecas, estamos sempre desafiados a buscar o que há de mais belo e de melhor para expressar a fé no Filho de Deus Encarnado, “o mais belo entre os filhos dos homens” (Sl 45), como ensina a Sagrada Escritura. Olhando para o futuro, sentimos séria responsabilidade em deixar para os que virão depois de nós instrumentos e meios que continuem divulgando a beleza, a bondade e a misericórdia de Deus que salva o mundo por amor às criaturas.

O amor natural-

mente se expressa na arte e na busca do melhor. Quando São Paulo, na carta aos Efésios (cf Ef 5,21-33), expressa aos fiéis a comparação entre o familiar amor humano e a Igreja, indica aos casais e aos fiéis a busca incessante de harmonia e de paz. O amor se expressa em três modalidades, como recordou o Papa Bento XVI na sua Encíclica “Deus caritas est”: O amor Eros – Filia – Ágape. Em qualquer destas expressões, a beleza está presente como o estouro de uma semente que, por menor que seja, produz algo sempre melhor e mais belo do que ela, ou um pouco de fermento que, agindo escondido na massa, gera algo melhor, mais útil, mais belo do que ele. No amoreros, ecoam os afetos, os carinhos, até mesmo os mútuos presentes. No amorfilia, se repetem os gestos de amizade sincera, os cumprimentos, a fidelidade. No amor-ágape, evidenciam-se o serviço desinteressado, o doar até a própria vida pelo outro.

Feliz coincidência fez iniciar o IV Seminário de Bens Culturais da Igreja com a festa de Santo Antônio de Sant’Ana Galvão, a 25 de outubro, o primei-

ro santo canonizado que nasceu, viveu e morreu no Brasil, pois trata-se de um dos maiores religiosos com excelentes dotes da arte e da cultura. Em sua existência de 84 anos, tendo nascido em 1739 e falecido em 1822, foi poeta, literato e cantor. Escreveu ao menos 16 poemas em latim, todos dedicados a Sant’Ana, devoção de sua família. Foi arquiteto, mestre de obras, desenhista e pôs as mãos na massa como pedreiro para construir, durante 18 anos, o sólido e belo edifício do Mosteiro da Luz que está ainda hoje exuberante na região central da cidade de São Paulo. Ali, Frei Galvão está sepultado desde o dia 23 de dezembro de 1822, data de seu falecimento.

Como bom franciscano, nada reservara para si e, compartilhando os dons espirituais que embelezavam a sua alma, fundou com Madre Helena o recolhimento Concepcionista, em honra da Imaculada Conceição, para o qual edificou o monumental convento anteriormente referido. Diz-se que três coisas caracterizavam a vida e a personalidade do artístico Frei Galvão: a caridade, a delicadeza e a bondade.

O IV Seminário foi dedicado à memória de Cláudio Pastro, um dos maiores artistas sacros da atualidade, falecido semana passada, aos 19 de outubro. À luz deste gênio da arte litúrgica, buscou-se, no referido Seminário, os melhores critérios para preservar, para produzir e organizar o que há e o que haverá em arquitetura, imaginária, pintura, escultura, mosaicos, vitrais, música, bibliotecas e arquivos que são expressões culturais da fé cristã.

Na construção do Reino de Deus que, da pequenez de uma semente de mostarda ou da humildade de um pouco de fermento, se torna grande e atraente, pretende-se que os bens culturais sejam como verdadeiros sermões que arrebatam gente para Cristo e que ajudem a vivenciar, já aqui na terra, a perfeição do amor do céu, onde tudo será belo e tudo será bom em definitivo, como São Paulo ensinou: “os olhos jamais viram, os ouvidos jamais escutaram, o coração jamais pressentiu o que Deus preparou para os que o amam” (cf. I Cor 2,9), pois a beleza e a bondade antecipam no tempo o que é perfeito na eternidade.

Juiz de Fora pode sediar próximo Seminário de Bens Culturais do Regional Leste 2 da CNBB

Fonte: CNBB Leste 2

A cidade de Vitória (ES) sediou recentemente o IV Seminário Igreja e Bens Culturais - Evangelização e Preservação, da Comissão de Bens Culturais da Igreja do Regional Leste 2 (Minas Gerais e Espírito Santo) da CNBB. O Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, Dom Gil Antônio Moreira, que também é o Vice-Presidente da Comissão para os Bens Culturais da Igreja do Regional, participou do evento.

Com o tema Arquitetura e Arte do Sagrado, o seminário chegou ao fim no último dia

27 de outubro. No santuário, o Presidente da Comissão de Bens Culturais e Bispo Diocesano de Oliveira (MG), Dom Miguel Ângelo Freitas Ribeiro, presidiu a Eucaristia.

Segundo a arquiteta da comissão, Kátia Pezzin, o próximo Seminário Regional deverá acontecer no ano de 2018, em local a ser definido. A cidade de Juiz de Fora foi apontada pela Comissão como possível anfitriã pela história, riqueza das igrejas, museu de Arte Sacra, diversidade cultural e a proximidade de Petrópolis, pos-

sibilitando uma visita a essa cidade vizinha.

Cora Aguieiras, também arquiteta da Comissão, avaliou, positivamente, o IV Seminário que possibilitou o conhecimento da Arquitetura Jesuítica e do Imigrante no Espírito Santo. “As palestras foram enriquecidas com história do Espírito Santo contada por alguns palestrantes”, afirma. Direito Canônico, estética, catalogação de imagens, ações e políticas públicas para a salvaguarda de Bens Culturais religiosos também foram assuntos trabalhados no Seminário.

DIA: 11/12
São João Nepomuceno - MG

LOCAL: QUADRA DO BOTAFOGO

08:00 às 18:00
Encerrando com a Santa Missa

PHN
zona da mata

ENTRADA R\$ 10,00

PREMIAÇÃO PARA BANDEIRA DO PHN MAIS CRIATIVA

OSNEI RIBEIRO
Capela do Alto - SP

DUNGA
Comunidade Canção Nova

CRISTINA RIBEIRO
(Fundadora da Comunidade Resgate - JF)

VENDAS DE INGRESSOS E ABADÁS:
Associação da Divina Misericórdia/Escritório Paroquial/Bazar da Divina Misericórdia/Revistaria Mary Cris

CONTATO: 3261-2181 (DIVINA MISERICÓRDIA)/ Anderson (32) 99921-9471 (MVO)/Wesley (32) 99931-6147 (MVO)

APOIO: Forania São Vicente - Arquidiocese de Juiz de Fora

Toda renda será destinada em benefício à Associação da Divina Misericórdia

Realização:

Fechamento das Portas Santas marca o fim do Ano Santo na Arquidiocese de Juiz de Fora

“Misericordiosos como o Pai”

Depois de permanecerem abertas durante quase um ano por ocasião do Jubileu da Misericórdia, no último dia 13 de novembro, domingo, as Portas Santas foram fechadas em todas as Dioceses do mundo. Apenas a porta instalada na Basílica de São Pedro, em Roma, continua aberta até o dia 20 de novembro.

Na bula de proclamação do Ano Jubilar *Misericordiae Vultus*, o Papa Francisco declara que “(...) ao fechar a Porta Santa, animar-nos-ão, antes de tudo, sentimentos de gratidão e agradecimento à Santíssima Trindade por nos ter concedido este tempo extraordinário de graça. Confiaremos a vida da Igreja, a humanidade inteira e o universo imenso à Realeza de Cristo, para que derrame a sua misericórdia,

como o orvalho da manhã, para a construção duma história fecunda com o compromisso de todos no futuro próximo”.

Na Arquidiocese de Juiz de Fora, foram abertas cinco Portas da Misericórdia. Elas estavam instaladas na Catedral Metropolitana, em Juiz de Fora; no Santuário Senhor Bom Jesus do Livramento, em Liberdade; no Santuário Nossa Senhora das Mercês, em Mar de Espanha; na Matriz Santa Rita de Cássia, em Santa Rita de Jacutinga; e na Matriz São Miguel e Almas, em Santos Dumont. Todas as estruturas foram fechadas entre os últimos dias 12 e 14 de novembro.

A primeira Porta Santa a ser fechada será a do Santuário Nossa Senhora das Mercês, em Mar de Espanha. No

dia 12 de novembro, o templo sediou o Terço da Misericórdia às 15h, enquanto acontecia o atendimento de confissões. Às 18h, houve Ofício de Nossa Senhora e, às 19h30, a Santa Missa que concluiu o Ano Santo.

Na Matriz São Miguel e Almas, em Santos Dumont, a última igreja a receber a Porta Santa na Arquidiocese, a estrutura foi fechada na manhã do dia 13, durante a Santa Missa das 8h. No mesmo dia e horário, na Matriz Santa Rita de Cássia, em Santa Rita de Jacutinga, também acontecia a cerimônia de fechamento da Porta da Misericórdia.

Ainda no domingo, 13 de novembro, o Arcebispo Metropolitano, Dom Gil Antônio Moreira, encerrou o Ano Santo da Misericórdia na Catedral Metropo-

litana de Juiz de Fora na Santa Missa das 15h, que ainda foi marcada por duas ordenações.

O Santuário Senhor Bom Jesus do Livramento, em Liberdade,

foi o último a ter sua Porta Santa fechada. A Solene Celebração foi presidida por Dom Gil, juntamente com a Crisma de jovens da Paróquia.



Porta Santa instalada na Catedral Metropolitana de Juiz de Fora. Foto: Assessoria de Comunicação

Paróquias da Arquidiocese lembram o Mês do Dízimo

Em novembro, a Arquidiocese de Juiz de Fora celebra o Mês do Dízimo. A iniciativa, adotada em diversas Dioceses do Brasil, aborda este ano, na Igreja Particular local, o tema “Quem cultiva a sua terra terá alimento em abundância” (Pr 12,11).

Para nortear as reflexões em torno do mês temático, a Equipe Arquidiocesana da Pastoral do Dízimo preparou um material especial para as paróquias. Nele estão incluídos folhetos com reflexões e orações para cada domingo do mês e um cartaz. No primeiro fim de semana de dezembro, uma mensagem do arcebispo metropolitano de Juiz de Fora, Dom Gil Antônio Moreira, será entregue aos fiéis reforçando a importância do dízimo.

O Coordenador Arquidiocesano da Pastoral do Dízimo, Padre Alessandro de Melo, explica a escolha

do tema da campanha de 2016, versículo bíblico retirado do capítulo 12 do Livro dos Provérbios. “O capítulo é uma orientação: Através de vários exemplos de como procede o justo e o injusto, o texto indica que o proceder correto traz a vida e a felicidade. A palavra cultivar indica trabalho, cuidado, zelo, dedicação. Então pensamos que essa terra é o nosso coração, é a nossa vida. O alimento em abundância é a Palavra de Deus e o efeito que ela produz. Então, se trabalhamos o nosso coração e o preparamos, iremos, com certeza, colher os frutos desta Palavra em nossa vida, sempre fazer da Palavra o alimento que sustenta nossa caminhada”.

Segundo Padre Alessandro, o dízimo é um tema a ser tratado durante todo o ano, mas que, em novembro, se destaca como um importante eixo na ação evangelizadora da Igreja. “O dízimo

cultiva nossa experiência com Deus, o nosso compromisso com a Igreja, a nossa consciência cristã e a nossa entrega e participação. O católico, sendo dizimista, participa da obra de evangelização da Igreja, estabelece um vínculo de amor e cuidado com as coisas de Deus. E, ao tomar consciência de sua responsabilidade e papel atuante, ele entrega o dízimo de modo mais comprometido com vida da comunidade de fé”.

É importante destacar que, conforme indica o Documento 106 da CNBB – “O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas” –, das contribuições recolhidas por cada paróquia da Arquidiocese, uma parte é destinada à manutenção das próprias paróquias e de seus projetos. Uma fatia dos recursos é voltada para o investimento nas pastorais e a outra parte é aplicada em obras de caridade.

Peregrinação à Porta Santa da Catedral reúne multidão de fiéis da Forania Nossa Senhora da Conceição

Colaboração: Fabíola Castro (Rádio Catedral)

As paróquias que fazem parte da Forania Nossa Senhora da Conceição, em Juiz de Fora, se reuniram na tarde do último dia 23 de outubro, domingo, para uma peregrinação à Porta Santa da Misericórdia instalada na Catedral Metropolitana.

Um grande número de fiéis se concentrou no adro da Igreja da Glória, de onde iniciaram, junto à Imagem da Padroeira da Forania, uma caminhada pelas ruas do Centro da cidade até a sede da Igreja Particular de Juiz de Fora.

Em entrevista à Rádio Catedral, o Vigário Forâneo, Frei Carlos Roberto de Oliveira Charles, contou que a caminhada lembrou a Igreja que se coloca a serviço, a exemplo de

Maria. “Lembramos em toda a nossa Caminhada da Misericórdia a mesma peregrinação feita por Maria, sua imediata adesão ao projeto de ser a Mãe de Deus. Maria é sinal da Igreja peregrina, da Igreja missionária e também da Igreja que se coloca completamente a serviço. Todos esses enfoques foram lembrados desde a concentração até o passar pela Porta Santa”.

A peregrinação foi finalizada na Catedral, quando os fiéis puderam passar pela Porta Santa e participar da Santa Missa, presidida por Frei Carlos Charles, concelebrada pelos padres das paróquias da Forania Nossa Senhora da Conceição e que também contou com a participação de diáconos e seminaristas.



Catequese do Papa

Jubileu Extraordinário da Misericórdia

Jubileu dos Encarcerados

Basilica Vaticana - 06 de novembro de 2016

Esperança é certamente a mensagem que hoje nos quer comunicar a Palavra de Deus: uma esperança tal que não desilude.

Um dos sete irmãos condenados à morte pelo rei Antíoco Epífanês diz: “É uma felicidade perecer à mão dos homens, com a esperança de que Deus nos ressuscitará” (2 Mac 7, 14). Estas palavras manifestam a fé daqueles mártires que, apesar dos sofrimentos e torturas, têm a força para olhar mais além. Aquela fé, ao mesmo tempo que reconhece em Deus a fonte da esperança, mostra o desejo de alcançar uma vida nova.

De igual modo ouvimos, no Evangelho, como Jesus anula com uma resposta simples, mas perfeita, toda a casística banal que os saduceus tinham sujeito à decisão d’Ele. A sua afirmação – “Deus não é Deus de mortos, mas de vivos; pois, para Ele, todos estão vivos” (Lc 20, 38) – revela o verdadeiro rosto do Pai, cujo único desejo é a vida de todos os seus filhos. Assim, para ser fiéis ao ensinamento de Jesus, tudo o que somos chamados a assumir e fazer nosso é a esperança de renascer para uma vida nova.

A esperança é dom de Deus. É colocada no mais fundo do coração de cada pessoa para poder iluminar, com a sua luz, o presente muitas vezes turvado e ofuscado por tantas situações que geram tris-

teza e dor. Precisamos tornar cada vez mais firmes as raízes da nossa esperança, para podermos dar fruto. Em primeiro lugar, tenhamos a certeza da presença e da compaixão de Deus, não obstante o mal que tivermos realizado. Não há ponto do nosso coração que não possa ser alcançado pelo amor de Deus. Onde há uma pessoa que errou, aí mesmo se torna ainda mais presente a misericórdia do Pai, para suscitar arrependimento, perdão, reconciliação, paz.

Hoje celebramos o Jubileu da Misericórdia para vós e convosco, irmãos e irmãs encarcerados. E, para a necessidade que sentimos de vos confortar, valemos desta expressão do amor de Deus: a misericórdia. É certo que a violação da lei vos mereceu a condenação; e a privação da liberdade é a forma mais pesada da pena que descontais, porque toca a pessoa no seu âmago mais profundo. Mas a esperança não pode desfalecer. Com efeito, uma coisa é o que merecemos pelo mal realizado; outra, diversa, é a “respiração” da esperança, que não pode ser sufocada por nada nem ninguém. O nosso coração sempre espera o bem; devemos isso à misericórdia com que Deus vem ao nosso encontro sem nos abandonar jamais (cf. Agostinho, *Sermo* 254, 1).

Na Carta aos Romanos, o apóstolo Paulo fala de Deus como sendo o “Deus da esperança” (15, 13). É como se quisesse dizer também a nós: “Deus espera”; e,

por mais paradoxal que possa parecer, é mesmo assim: *Deus espera!* A sua misericórdia não o deixa tranquilo. É como aquele Pai da parábola, que *sempre espera* o regresso do filho que errou (cf. Lc 15, 11-32). Deus não se dá trégua nem descanso, enquanto não encontrar a ovelha que estava perdida (cf. Lc 15, 5). Ora, se Deus espera, então a esperança não pode ser tirada a ninguém, porque é a força para continuar; é a *tensão* para o futuro, a fim de transformar a vida; é um *impulso* para o amanhã, a fim de o amor – com que, apesar de tudo, somos amados – se poder tornar um caminho novo... Em suma, a esperança é a prova interior da força da misericórdia de Deus, que pede para olhar em frente e, com a fé e o abandono n’Ele, vencer a atração para o mal e o pecado.

Queridos reclusos, é o dia do vosso Jubileu. Que hoje, diante do Senhor, se reacenda a vossa esperança! O Jubileu, por sua própria natureza, traz consigo o anúncio da libertação (cf. Lv 25, 39-46). Não depende de mim a possibilidade de concedê-la, mas suscitar em cada um de vós o desejo da *verdadeira* liberdade é uma tarefa a que a Igreja não pode renunciar. Às vezes, uma certa hipocrisia impele a ver em vós apenas pessoas que erraram, para quem a única estrada é o cárcere. Confesso-vos: todas as vezes que entro num estabelecimento prisional, interrogo-me: “Por que eles, e não eu?”

Todos podemos errar; todos. E, de uma forma ou de outra, erramos. E a hipocrisia faz com que não se pense na possibilidade de mudar de vida: há pouca confiança na reabilitação, na reinserção na sociedade. Mas, assim, esquece-se que todos somos pecadores e, muitas vezes, também somos prisioneiros sem nos dar conta. Quando se permanece fechado nos próprios preconceitos, ou se é escravo dos ídolos de um falso bem-estar, quando nos movemos dentro de esquemas ideológicos ou se absolutizam leis de mercado que esmagam as pessoas, na realidade limitamo-nos a viver dentro das paredes estreitas da cela do individualismo e da autossuficiência, privados da verdade que gera a liberdade. E apontar o dedo contra alguém que errou não pode tornar-se um alibi para esconder as nossas próprias contradições.

De fato, sabemos que, diante de Deus, ninguém se pode considerar justo (cf. Rm 2, 1-11). Mas ninguém pode viver sem a certeza de encontrar o perdão. O ladrão arrependido, crucificado juntamente com Jesus, acompanhou-o até ao paraíso (cf. Lc 23, 43). Por isso, nenhum de vós se feche no passado. É certo que a história passada, mesmo se o quiséssemos fazer, não pode ser reescrita. Mas a história, que começa hoje e aponta para o futuro, está ainda toda por escrever, com a graça de Deus e a vossa responsabilidade pessoal. Aprendendo com os erros do

passado, pode-se abrir um novo capítulo da vida. Não caiamos na tentação de pensar que não podemos ser perdoados. Qualquer coisa que seja, pequena ou grande, que o coração nos acuse, “Deus é maior que nosso coração” (1 Jo 3, 20): temos apenas de nos confiar à sua misericórdia.

A fé, ainda que seja pequena como um grão de mostarda, pode deslocar as montanhas (cf. Mt 17, 20). Quantas vezes a força da fé permitiu pronunciar a palavra “*perdoar*” em condições humanamente impossíveis! Pessoas que sofreram violências e abusos em si mesmas, nos seus entes queridos ou nos seus próprios bens... Só a força de Deus, a misericórdia, pode curar certas feridas. E onde há violência se responde com o perdão, aí também o coração de quem errou pode ser vencido pelo amor que derrota todas as formas de mal. E assim Deus suscita, entre as vítimas e os culpados, autênticas testemunhas e obreiros de misericórdia.

Hoje veneramos a Virgem Maria nesta imagem que representa a Mãe que sustenta nos seus braços Jesus com uma corrente quebrada, as correntes da escravidão e da prisão. Que ela pouse sobre cada um de vós o seu olhar materno; faça brotar do vosso coração a força da esperança para uma vida nova e digna de ser vivida na liberdade plena e no serviço do próximo.

Presidente da CNBB e Arcebispo de Brasília, Dom Sérgio da Rocha será criado Cardeal

No último dia 09 de outubro, o Papa Francisco anunciou a realização de um Consistório para a criação de novos Cardeais. O Brasil foi contemplado com a escolha do Arcebispo de Brasília (DF) e Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Sérgio da Rocha. A celebração acontece na véspera do fechamento da Porta Santa da Misericórdia.

“Com alegria, anun-

cio que sábado, 19 de novembro, na véspera do fechamento da Porta Santa da Misericórdia, realizarei um Consistório para nomear 13 novos Cardeais, de cinco continentes. Sua proveniência, de 11 nações, expressa a universalidade da Igreja que anuncia e testemunha a Boa Nova da Misericórdia de Deus em todos os cantos da Terra. A inclusão dos novos Cardeais na Diocese de

Roma manifesta também a inseparável relação existente entre a Sé de Pedro e as Igrejas particulares ao redor do mundo”, disse o Papa.

No domingo, 20 de novembro, Solenidade de Cristo Rei, conclusão do Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, o Papa concelebrará a Santa Missa com os novos Cardeais, com o Colégio Cardinalício, os Arcebispos, Bispos e Presbíteros.

Com a escolha de Dom Sérgio da Rocha, a Igreja no Brasil passa a ter cinco Cardeais eleitores: Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo (SP); Dom Raimundo Damasceno Assis, Arcebispo de Aparecida (SP); Dom João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (Vaticano); Dom Orani João Tempesta, Arce-

bispo do Rio de Janeiro.

Também são Cardeais brasileiros Dom Cláudio Hummes (SP), Dom Paulo Evaristo Arns (SP), Dom José Freire Falcão (Brasília), Dom Serafim Fernandes de Araújo (BH), Dom Geraldo Majella Agnelo (Salvador) e Dom Eusébio Oscar Scheid (RJ). Por terem mais de 80 anos, não participam de Conclaves, mas podem ser eleitos.

O Dia de Finados

Professor Felipe Aquino



É uma antiquíssima tradição da Igreja Católica rezar por todos os fiéis falecidos no dia 2 de novembro. A todos os que morreram “no sinal da fé” a Igreja reserva um lugar importante na Liturgia: há uma lembrança diária na Missa, com o Memento (= lembrança) dos mortos e no Ofício divino. No dia de Finados a Igreja autoriza que cada sacerdote possa celebrar três Missas em sufrágio das almas dos falecidos. Essa foi uma concessão do Papa Bento XV em 1915, quando, durante a Primeira Guerra Mundial, julgou oportuno estender a toda Igreja este privilégio de que gozavam a Espanha, Portugal e a América Latina desde o século XVIII.

Com a lembrança dos falecidos a Igreja quer lembrar a grande verdade baseada na Revelação: a existência da Igreja triunfante no Céu; padecente no Purgatório e a militante na terra. O Purgatório é o estado intermediário, mas temporário “onde o espírito humano se purifica e se torna apto ao céu”.

Os primeiros vestígios de uma comemoração coletiva de todos os fiéis defuntos são

encontrados em Sevilha (Espanha) no séc. VII, em Fulda (Alemanha) no séc. IX. A comemoração oficial dos falecidos é devida ao abade de Cluny, santo Odilon, em 998, mas, muito antes, em toda parte se celebrava a festa de todos os santos e o dia seguinte era dedicado à memória dos fiéis falecidos. O fato de que milhares de mosteiros beneditinos dependessem de Cluny favoreceu a ampla difusão da comemoração. Depois, em Roma, em 1311, foi sancionada oficialmente a memória dos falecidos.

A Tradição da Igreja está repleta de ensinamentos sobre a oração pelos mortos. São João Crisóstomo, Bispo e Doutor da Igreja, já no século IV recomendava orar pelos falecidos: “Levemos-lhe socorro e celebremos a sua memória... Por que duvidar que as nossas oferendas em favor dos mortos lhes leva alguma consolação? Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer as nossas orações por eles” (Hom. 1Cor 41,15).

“Os Apóstolos instituíram a oração pelos mortos e esta lhes presta grande auxílio e

real utilidade” (In Philipp. III 4, PG 62, 204).

Tertuliano (†220) – Bispo de Cartago, diz: “A esposa roga pela alma de seu esposo e pede para ele refrigério e que volte a reunir-se com ele na ressurreição; oferece sufrágio todos os dias de aniversários de sua morte” (De monogamia, 10).

Tertuliano atesta o uso de sufrágios na liturgia oficial de Cartago, que era um dos principais centros do cristianismo no século III: “Durante a morte e o sepultamento de um fiel, este fora beneficiado com a oração do sacerdote da Igreja”. (De anima 51; PR, ibidem)

São Cipriano (†258), bispo de Cartago, refere-se à oferta do sacrifício eucarístico em sufrágio dos defuntos como costume recebido da herança dos bispos seus antecessores (cf. epíst. 1,2). Nas suas epístolas é comum encontrar a expressão: “oferecer o sacrifício por alguém ou por ocasião dos funerais de alguém”. (Revista PR, 264, 1982, pag. 50 e 51; PR ibidem)

Falando da vida de Cartago, no século III, afirma Vacandart: “Podemos, de certo modo, conceber o que terá sido a vida religiosa de Cartago em meados do século III. Aí vemos o clero e os fiéis a cercar o altar... ouvimos os nomes dos defuntos lidos pelos diáconos e o pedido de que o bispo ore por esses fiéis falecidos; vemos os cristãos... voltar para casa reconfortados pela mensagem de que o irmão falecido repousa na unidade da Igreja e na paz do Cristo”. (Revue de Clergé Français 1907 t. Lil 151; PR).

Pastoral Carcerária da Arquidiocese de Juiz de Fora consegue apoio de assessoria jurídica

Colaboração: Janslúcia Vieira
Comunicação - Pastoral Carcerária



A Pastoral Carcerária da Arquidiocese de Juiz de Fora contará, a partir deste mês, com o apoio voluntário das advogadas Diulyanne Simplicio, Caroline Andrade e Maysa Bertuhan que irão prestar assessoria jurídica, de maneira gratuita, aos encarcerados atendidos pela PCR arquidiocesana.

De acordo com o Assessor Eclesiástico da Pastoral Carcerária da Arquidiocese, Pe. Wellington Nascimento de Souza, oferecer este serviço jurídico de forma gratuita é de fundamental importância. “Na minha opinião, é uma grande conquista poder contar com excelentes advogadas que irão prestar este serviço jurídico a muitos encarcerados que não têm condição financeira. A Defensoria Pública faz um bonito trabalho, no entanto, devido à grande demanda, não consegue atender a todos os que necessitam”.

Segundo a Coordenadora da Assessoria, a advogada Diulyanne

Simplicio, este trabalho é importante “para dar aos encarcerados menos favorecidos, economicamente, acesso a uma defesa justa, ou para que se faça valer seus direitos, pois todos sabem que, muitas vezes, quando o preso não possui advogado, ele acaba esquecido no cárcere.”

“Penso que a iniciativa da assessoria jurídica na pastoral é para ajudar a amenizar esse tipo de situação e também tentar mostrar ao detento a importância da religião e, através desta, resgatar os valores morais do indivíduo”, completa.

A advogada Diulyanne Simplicio explicou ainda que seu primeiro contato com a Pastoral Carcerária foi através de Pe. Wellington, quando este assumiu a PCR arquidiocesana. “Eu ainda estava na faculdade, já tinha interesse em atuar, profissionalmente, na área criminal, então conversei com ele e pedi para fazer parte da pastoral”.

PADRE FÁBIO de MELO
Voz e Piano

23
Novembro

Juiz de Fora - MG
Cine - Theatro Central

Devotos fazem romaria de bicicleta ao Santuário Nacional de Aparecida



Há pouco mais de um mês, no último dia 1º de outubro, 16 ciclistas de Juiz de Fora iniciaram uma romaria em suas bicicletas rumo ao Santuário Nacional de Aparecida. O trajeto foi realizado pela terceira vez pelos devotos, que ainda contaram com uma equipe de apoio composta por três pessoas.

O responsável por criar este desafio é o educador físico Roberto Rodrigues de Oliveira Júnior. Ele conta que, diferente do que a maioria das pessoas pensam, a ideia da romaria não foi nenhum tipo de promessa. Em 2012, emocionado por conta de uma visita ao Santuário, ele decidiu fazer o trajeto pedalando, o que se concretizaria dois anos depois, em junho de 2014. Na oportunidade, ele concluiu o trajeto sozinho, em dois dias, acompanhado de um amigo que viajava em um carro como suporte.

Em 2015 foram dois os ciclistas que acompanharam Roberto na romaria a Aparecida, número que cresceu, exponencialmente, em 2016. Segundo o educador físico, todos os participan-

tes são atletas amadores que treinam diariamente e participam de competições. Eles fizeram o trajeto até o Santuário Nacional em agradecimento a graças recebidas. “O objetivo principal desta romaria é agradecermos por nossas vidas, famílias, amigos, saúde. E para agradecer não poderia ser diferente, ir à Basílica fazendo o que mais gostamos, que é pedalar”, completou.

Os devotos saíram da Catedral Metropolitana no sábado, dia 1º, com destino a Carvalhos, no sul de Minas Gerais, a 150 quilômetros de Juiz de Fora. No local, osromeiros pernотaram e realizaram os ajustes necessários nas bicicletas. No dia seguinte, os ciclistas retomaram a viagem rumo ao Santuário, fazendo apenas uma parada para se alimentarem na divisa com o estado de São Paulo.

O grupo chegou à Basílica no domingo, dia 02, por volta das 15h, para participar da Santa Missa das 16h, quando teve a oportunidade de subir ao altar e agradecer por mais uma romaria concluída.

Campanha SOS Furacão no Haiti recebe doações até o fim de novembro



Até o fim do mês de novembro, a Arquidiocese de Juiz de Fora realiza a campanha “SOS Furacão no Haiti”. A iniciativa se dá em prol dos haitianos que ainda sofrem com as consequências do fura-

ção Matthew, que atingiu o país no último dia 04 de outubro.

A campanha está recolhendo alimentos não perecíveis, água mineral, leite em pó, cobertores e kits de higiene. As doações devem

ser encaminhadas para a Catedral Metropolitana de Juiz de Fora, de onde serão encaminhadas ao Haiti em parceria com a Associação e Fraternidade São Francisco de Assis na Providência de Deus.

A secretaria da Catedral funciona de segunda-feira a sábado (7h às 21h) e domingo (7h às 13h e 15h às 21h). O endereço é Rua Santo Antônio, nº 1201 – Centro.

Os interessados em ajudar também podem fazer doações em dinheiro, a serem depositadas diretamente nas contas administradas pela Cáritas Brasileira, criadas em favor das vítimas do furacão Matthew. Quem realizar o depósito deve enviar o comprovante para o e-mail da Catedral Metropolitana:

contato@catedraljf.org.br

“Sede misericordiosos como também o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36)


Contas para depósito:

Banco do Brasil
Agência: 3475-4
Conta Corrente: 33781-1


Caixa Econômica Federal
Agência: 1041 / Operação: 003
Conta: 3943-9

Entretenimento e Catequese


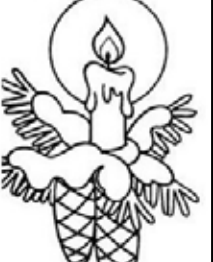
Caça-Palavras



ADVENTO




A	C	A	F	E	I	O	P	K	N	J	E	S	U	S
D	G	Z	B	A	U	N	C	F	V	B	A	L	I	A
V	I	V	E	R	W	Z	C	D	U	V	X	Z	H	Q
E	G	I	P	R	S	C	O	N	V	E	R	S	Ã	O
N	J	A	C	E	M	A	R	P	E	C	W	Z	M	Y
T	N	U	R	Q	Z	C	A	O	T	V	A	H	F	T
O	T	R	S	U	A	R	Ç	A	O	R	D	A	R	N
P	Q	O	T	D	C	F	Ã	G	R	C	O	R	O	A
V	Y	X	T	A	O	S	O	C	R	S	M	J	F	S
I	U	O	D	F	N	T	R	A	I	L	I	B	D	C
D	C	F	H	W	V	I	S	D	K	L	N	B	E	I
A	T	Y	S	V	E	L	A	S	X	Z	G	U	I	M
D	Q	U	O	P	R	E	T	F	H	G	O	T	P	E
Z	L	F	G	R	T	Q	A	F	E	L	I	D	O	N
T	E	D	I	R	E	D	A	C	D	E	T	A	U	T
P	R	E	P	A	R	A	Ç	Ã	O	P	X	R	Q	O



Com o **ADVENTO** se inicia o Ano Litúrgico. É um tempo de **PREPARAÇÃO** para **VIVER** feliz o **NASCIMENTO** de Jesus. É também um tempo de **CONVERSÃO**, porque não podemos preparar a chegada de Jesus sem “arrumar” a nossa **VIDA**. Para acolhê-lo bem devemos melhorar, mudar, ou seja, devemos **CONVERTER** o nosso **CORACÃO**. A cor do Advento é **ROXO**. Faz-se a coroa do Advento onde são colocadas quatro velas. Devemos acender uma vela a cada **DOMINGO**.

Web Tv - A Voz Católica
 A Igreja mais perto de você!



WebTv
A Voz Católica

Arquidiocese de Juiz de Fora
www.avozcatolica.com.br
 email: avozcatolicadejuizdefora@hotmail.com

 A Voz Católica 

Homenagens Especiais

Colaboração: Robson Ribeiro de Oliveira

Dom Guilherme Antônio Werlang

Bispo da Diocese de Ipameri (GO) e Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz



Dom Guilherme Antônio Werlang. Foto: Divulgação

Dom Guilherme Antônio Werlang, MSF, é natural de São Carlos (SC), nascido em 05 de agosto de 1950. Concluiu seus estudos de Filosofia em Passo Fundo (RS) e Teologia em Porto Alegre (RS) e pós-graduação em

Liturgia, em São Paulo. Foi ordenado presbítero em 02 de agosto de 1979.

Em 19 de maio de 1999, foi nomeado Bispo da Diocese de Ipameri (GO) pelo Papa João Paulo II, sendo ordena-

do no dia 17 de julho seguinte por Dom Anselmo Müller. Seu lema episcopal é "Para que todos tenham vida".

No dia 11 de maio de 2011, Dom Guilherme foi eleito Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e reeleito para o cargo em 2015.

Atuante e empenhado no progresso de uma Pastoral Carcerária autêntica, ele participou do programa "Igreja no Brasil" em janeiro deste ano, transmitido pelas emissoras católicas em todo o Brasil. Entrevistado pelo jornalista Luiz Lopes, Dom Guilherme falou sobre o trabalho realizado pela Pastoral Carcerária nos presídios e com as famílias dos encarcerados. Na primeira parte da entrevista, destacou o trabalho de evangelização, os desa-

vios e comentou sobre a proposta de Justiça Restaurativa, que é uma das bandeiras da Pastoral Carcerária. Na segunda parte, respondeu a questões sobre a mulher presa e os projetos nocivos de privatização dos presídios.

Dom Guilherme afirma que "A Pastoral Carcerária da Igreja Católica se fundamenta no Evangelho de Jesus Cristo escrito por Mateus, no capítulo 25, versículo 36, onde Jesus diz: 'Eu estava preso e você veio me visitar'. Então, o fundamento desse trabalho é ir àqueles nossos irmãos, àqueles nossas irmãs que estão encarcerados por alguma razão de delitos, de crimes, de coisas erradas que praticaram na vida, pelas quais foram condenados. Infelizmente, muitos ficam muito tempo presos antes de serem condenados e, então, a Pastoral Carcerária quer ouvir o clamor,

ouvir o grito que brota, que ecoa por detrás das grades. A Pastoral Carcerária, dentro dos cárceres, faz orações, celebrações, anuncia a Palavra de Deus, especialmente mostrando um Deus pronto a perdoar, a ser misericordioso. A Pastoral Carcerária quer ser presença de Jesus Cristo, presença da Igreja e olhar especialmente para que os direitos humanos, a dignidade humana do encarcerado seja também respeitada, porque isso não é a mesma coisa de dizer que ele não fez nada de errado. Tem pessoas que confundem isso, porque por maior que seja o delito que ele tenha cometido, por mais gente que ele tenha prejudicado, ele precisa ser respeitado enquanto ser humano, ele permanece ser humano, ele permanece nosso irmão, ela permanece nossa irmã, permanecem filhos e filhas de Deus."

Padre Raymundo de Almeida Salles

Padre da Arquidiocese de Juiz de Fora que completa 60 anos de sacerdócio no próximo mês

Pe. Raymundo de Almeida Salles é natural de Rosário de Minas, distrito de Juiz de Fora (MG). Nascido em 16 de novembro de 1928, é filho de José Ribeiro de Almeida e Etelvina de Almeida Salles. Este mês, nosso querido irmão completa 88 anos de idade e, em dezembro, celebrará 60 anos de ordenação sacerdotal.

Ingressou no Seminário Menor Santo Antônio, em 26 de fevereiro de 1944, curso que concluiu no ano de 1951. Mudou-se posteriormente para Mariana, onde cursou as faculdades de Teologia (1952-1953) e Filosofia (1954-1957).

Ainda seguindo com os estudos, obteve especialização em Filosofia, Pedagogia, Psicologia e História da Filosofia pela Faculdade São João Bosco, em São João Del Rei (MG).

Em 08 de dezembro de 1956, foi ordenado Diácono pelas mãos de Dom Justino José de Santana, primeiro Bispo da Diocese de Juiz de Fora, que também o ordenou sacerdote um ano depois, em 08 de dezembro de 1957.

Com muita dedicação, exerceu seu ministério em vários lugares. Foi Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Rio

Novo (MG) - 1957-1964; Pároco da Paróquia de Volta Grande (MG) - 1965; Pároco da Paróquia Nossa Senhora das Dores, em Lima Duarte (MG) - 1967-1987; Pároco da Paróquia de São João Nepomuceno (MG) - 1987-1992; Pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Arantina (MG) - 2002-2003; e, ainda, Pároco da Paróquia São Francisco de Paula, em Torreões (Juiz de Fora).

No mês de seu aniversário, temos a alegria de prestar esta homenagem a quem contribuiu imensamente com a história da nossa Igreja Particular.



Pe. Raymundo de Almeida Salles. Foto: Leandro Novaes